

“Desafios Éticos para a Saúde em Perspectiva Internacional”

RELATÓRIO

1. Apresentação

O presente relatório apresenta o quarto encontro do ano de 2012 do “*Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde*”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil.

Esta reunião do Ciclo tratou do tema “**Desafios éticos para a saúde em perspectiva internacional**” e contou com a participação, como palestrantes: **Dora Porto**, Bacharel em Antropologia e Doutora em Ciência da Saúde; Editora executiva da Revista Bioética do Conselho Federal de Medicina; Assessora da Rede Latino-americana e do Caribe de Bioética da Unesco (Redbioetica). E **Félix Rígoli**, Gerente da Área de Sistemas de Saúde e Coordenador da Unidade Técnica de Recursos Humanos – OPAS/OMS Brasil. Como Coordenador da mesa, o evento contou com a presença do **Dr. José Paranaguá de Santana**, Assessor do Centro de Relações Internacionais em Saúde e Coordenador do NETHIS.

A seguir, será apresentada a descrição da palestra, com reflexões que podem ser incorporadas ao NETHIS a partir dos debates do Ciclo. Ao final, a título de considerações finais, o resultado do debate é interpretado na forma de temas que podem ser objeto de trabalho por este Núcleo de Estudos, no sentido de que possam ser problematizados e estudados, contribuindo, assim, para a produção científica do NETHIS.

2. Desafios éticos para a saúde em perspectiva internacional

Palestrantes: *Dora Porto; Félix Rígoli*

Coordenador: *José Paranaguá de Santana*

Data: *28 de Junho de 2012*

Local: *Fiocruz Brasília*

Dora inicia sua exposição fazendo uma análise da Bioética e de seu percurso, sob a perspectiva de sua área, concernente às Ciências Humanas e da Saúde. Ela discorre sobre a importância da Bioética, por ser um campo do saber que questiona as relações de poder, pois só se tem poder, quando é assegurada uma condição de excelência para o indivíduo, caso contrário, isso não é possível. Portanto, a bioética partiria desse pressuposto de análise da conjuntura social, envolvendo questões básicas de sobrevivência, além de ter a proposta de transformar a sociedade, ao invés de apenas analisá-la.

Para tal, temas como “prevenção”, “promoção” e “recuperação da saúde”, por essa perspectiva, habitam um campo maior. Não restringidos ao campo biomédico, exatamente por envolverem questões de poder. Força física, econômica e política estão relacionadas à qualidade de vida, que vão das projeções aos planos sociais. Dora frisa a interpretação das diferenças, como uma dessas questões de poder, às quais a bioética, principalmente a sul-americana, tem se proposto a enfrentar como fonte de investigação e plano de ação.

A construção de um mundo melhor e mais igualitário vem da alteração de algumas das ficções sociais, que são crenças aceitas (sem questionamento) que estruturam a sociedade. Por exemplo, quem tem determinadas características valorizadas, possui um lugar de fala privilegiado, com papéis respectivos que geram reflexos na dimensão social. Nossas crenças determinam nossas projeções no mundo, elas naturalizam os problemas do mundo, através da famosa saída: “o mundo é assim”. Um tipo de ficção aceita, mas que pode ser modificada.

O século XX assistiu uma radical transformação no significado de poder com o advento dos Direitos Humanos, os quais questionavam as divisões de poder e oportunidades sociais. Tínhamos realidades, papéis e direitos fundados em outros princípios, com a criação dos Direitos Humanos, surge uma nova ideia de igualdade

para todos os seres humanos, algo inédito até então. A palestrante dá exemplos cotidianos para demonstrar que hoje em dia, ainda temos resquícios de atitudes que refletem a desigualdade que cremos existir, seja explicitamente ou não.

A ideia de igualdade é nova, é possível que as próximas gerações tenham mais facilidade para lidar com ela. A luta pela aplicação de um mundo igualitário, lida com uma fratura estrutural, devido ao momento de transição, pelo fato de que algumas pessoas não se sentem contempladas com essa igualdade. As mulheres, por exemplo, sentiram uma não-identificação com os preceitos dos Direitos Humanos. Temos grupos minoritários que abriram espaço para a discussão da diferença, embora esta só surja com a noção de igualdade.

A gênese da Bioética (Potter) é acompanhada da necessidade do intermédio de questões éticas no ramo das tecnociências. O que disseminou o termo “bioética” foi sua utilização no campo da saúde e da ética na pesquisa com seres humanos. Dora demonstra que “bioética” associada à medicina (ética médica) é um grande instrumento para trabalhar a questão médico/paciente e pesquisador/sujeito de pesquisa.

Ela fala do *Principlialismo*, observando que a bioética ficou reduzida, durante muito tempo, a esses princípios. Para reverter esse quadro, foi necessária a construção de um pensamento crítico da bioética (envolvendo a questão social e ambiental). Os pensadores da bioética no Brasil não estavam mais satisfeitos com o campo restrito de sua aplicação, pois se fazia urgente uma verdadeira aplicação da política em saúde no Brasil. Levando esse contexto em consideração, ela chama de revolução sanitária ao invés de reforma sanitária, o que culminou no SUS. A limitação do *Principlialismo* incomodou alguns bioeticistas, o que gerou a visão de que isso poderia ser diferente. Com o deslocamento do lugar de fala hegemônica no campo do discurso da bioética, o que foi muito importante para a história do pensamento crítico da bioética, as críticas chegaram a esgotar os princípios. Dora considera que isso não foi bom, pois os Quatro Princípios têm sua relevância. Não podemos desprezar o sentido histórico e prático deles, principalmente no processo de introdução de um pensamento nas relações de poder.

As desigualdades de acesso que geraram a bioética social, principalmente na América Latina, e isso, sem dúvidas é uma questão de qualidade de vida. Ela cita *Volnei Garrafa* como um marco, por meio de sua apresentação sobre a Bioética de Intervenção,

a qual sofreu críticas por dizerem que aquilo era política, ao invés de bioética. Esse processo foi delicado, com um panorama que se alterou com grande rapidez, mas com algumas dificuldades.

O surgimento dessas discussões é oriundo dos grupos a que se destinam, sendo eles os negros, as mulheres, os países periféricos e outros. Por isso é fundamental o entrelaçamento dos Direitos Humanos com a Bioética. Trata-se de um poder simbólico, diz Dora Porto, envolvendo a construção de instituições nacionais de saúde, com essa dimensão simbólica, emanadas da ideia de qualidade de vida e da condição de salubridade. Junto aos elementos de códigos e leis, acrescidas da noção de pacto social entre as pessoas, sintetizadas na noção de igualdade. Devido a esses elementos objetivos e subjetivos, a saúde transitou para campos mais amplos, saindo da clínica para chegar ao campo social, para mudar o *status quo*.

Para Dora, a prevenção e recuperação foram colocadas em segundo plano em relação aos princípios da bioética, o que acarretou em alguns fenômenos, tal como o da medicalização, onde as emoções humanas foram patologizadas e os fármacos são utilizados para uma diversidade de coisas que poderiam ser resolvidas de outras maneiras. Ou seja, a área da saúde determina os comportamentos sociais, o que implica na distorção gerada pela aplicação a-crítica dos Direitos Humanos (igualdade na medicalização que não considera o contexto cultural).

Nossos parâmetros sanitários estão sob o desafio de não impor uma homogeneização cultural, religiosa e até biológica (consórcio do poder da fala medicalizada que obriga à aplicação de seus preceitos universalmente). Para a bioética avançar, tem de contemplar as diferenças, acima de tudo, em outras palavras, atender às diferenças, sem reproduzir desigualdades.

Apresentação de Félix Rígoli

Equalizar o direito à saúde com o direito à medicalização, eis o grande desafio, haja vista o quão isso é problemático. Félix Rígoli está tentando trabalhar a ideia de bioética e cooperação internacional, no escopo das relações de conflitos entre povos e

nações, destacando que “nação” é um conceito novo para a humanidade. Mediante isso, estender a solidariedade para um conjunto maior que abrange todos os seres vivos. Além do campo das ideias, se faz necessária a aplicação da solidariedade. Quais seriam os fundamentos éticos, econômicos e biológicos da cooperação entre países? Os pensamentos econômicos e filosóficos estavam baseados na noção de competição, da desigualdade, hoje em dia esse paradigma está em transformação.

A *Sociobiologia* é um ramo da biologia que estuda o comportamento das sociedades animais, usando técnicas da etologia, evolução, sociologia e genética de populações, nela se procura por fundamentos genéticos e comportamentais que balizam os comportamentos sociais. Temos de dar uma nova roupagem para a discussão de igualdade e diferença, levando em consideração diferenças biológicas. Os instintos de cooperação, por exemplo, que estão em processos de transformação. Tivemos uma crise das espécies, devido aos instintos de competição e de destruição, no entanto, temos também instintos de cooperação, diz Félix.

Como superar a ideia de que, por exemplo, todos são egoístas? A necessidade de inclusão de outros elementos no campo da bioética, para apoiar os processos de desenvolvimento social, econômico, é bem evidente. Por isso, nos perguntamos também qual é o papel da bioética? Pois há uma diferença entre ética e técnica, como no caso dos erros técnicos que saem do escopo da ética. Portanto, dilemas éticos são restritos. Ele coloca que a bioética vem sendo reduzido, pelo lado político, técnico e determinantes sociais. Por isso, o espaço de reflexão ética como instrumento para analisar as relações de poder, pensando qual seria o eixo e o fim dessas discussões.

Há um processo de hominização, ou seja, uma evolução do homem que tende à evolução da comunidade, incluindo os recursos naturais. Como fazer para que a sociedade seja mais cooperativa e igualitária? Ele acredita em um ideal socialista, no sentido do trabalho conjunto que pensa no hoje e no futuro, onde todos se influenciam mutuamente. O palestrante finaliza sua apresentação dizendo que o fundamento científico para a bioética não é apenas ideológico, mas biológico também, servindo de instrumento para entender o processo de cooperação internacional e da expansão da solidariedade.

DEBATE – Principais pontos:

- a.** Ética do ponto de vista coletivo e ética individual. Dilema deontológico, entre ajudar uma pessoa ou muitos, se todos precisam e são “iguais”. Dora responde fazendo a seguinte pergunta: como se comportar num mundo onde os recursos são escassos? Esse é o dilema de quem trabalha com saúde. A base é utilitarista, ou seja, atender a maioria. A proposta é não priorizar uma pessoa em detrimento de vários. Félix responde que esse conflito é clássico dentro da alocação dos recursos, sendo esse problema de caráter evolutivo, no sentido da análise das ferramentas políticas;
- b.** Questão da diferença e da igualdade – a quem interessa a igualdade e a quem interessa a diferença? – relação de cultura com direitos humanos. A bioética estaria fundamentando o *biocapitalismo* ou a *bioeconomia*? Dora Porto responde que há a necessidade a inclusão das questões sociais, econômicas e culturais no campo de investigações da bioética. Por exemplo, saber o que a pessoa quer para dar o que ela quer. Quando a bioética era focada exclusivamente no âmbito biomédico ficava fragmentada, agora, precisamos de ferramentas que dialoguem dentro das áreas de construção do conhecimento. Félix também faz um questionamento: como atuar sem piorar a situação dos países que estão sendo auxiliados? Nada pode ser feito apenas por pura boa intenção, há a necessidade de fazer uma análise técnica da situação;
- c.** O coordenador da mesa (Paranaguá) falou da mudança de paradigmas que demoram tempos para se transformar, devido à localidade a que estão os pensadores dessa problemática;
- d.** Sobre Bioética da intervenção e contexto de cooperação sul-sul, foi pedido aos palestrantes para fazer esse paralelo. Dora Porto responde que, a partir da corporeidade, analisamos o impacto social devido a esse atributo. A bioética da intervenção diz que é eticamente errado dar prazer para uma minoria e a dor para a maioria. Embora essa seja a realidade dos países ricos e pobres, a divisão do prazer e da dor tem de estar nos padrões equitativos de distribuição.

3. Considerações Finais

Essa discussão é de maior importância para os estudos em Bioética e Diplomacia em Saúde, pois aborda elementos fundamentais para o desenvolvimento teórico de planejamentos sociais referentes à saúde humana e ao meio ambiente. Questões como as relações de poder, a que Dora Porto se reportou, são como a peça chave para compreendermos o papel da bioética nas relações internacionais. Os estudos do NETHIS primam por essa análise mais profunda, que abrange questões antropológicas, filosóficas, biológicas além de médicas e legalistas. Formando um campo interdisciplinar de análise. As apresentações de Dora Porto, com seus elementos sociais e de Félix Rígoli, com seus elementos biológicos, são complementares, no sentido de abrirem o leque da discussão em vertentes inicialmente distintas que, no entanto, desembocam no mesmo ponto, que é o da tentativa de compreensão dos processos envolvidos na história da bioética e da diplomacia em saúde.